

# V Á R I A

---

## Quatro lanças de bronze de Lama Chã (Montalegre)

A D. Luís Monteagudo, distinto arqueólogo espanhol, que mais e melhor tem estudado o Bronze Peninsular e Mediterrânico.

O. D. C.

Em Agosto de 1965 quando procedia a escavações no Castro de Carvalhelhos, que fica sobranceiro à estância das justamente afamadas Águas de Carvalhelhos, tive conhecimento de terem aparecido debaixo dum penedo umas velhas lanças de bronze que haviam sido repartidas pelos seus achadores.

Soube que duas estavam na posse do Sr. António Dias Além, negociante com estabelecimento de mercearia na aldeia de Carvalhelhos, que prontamente m'as mostrou.

Manifestei o desejo de as desenhar, pesar e fotografar e inclusive adquiri-las para o Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto.

Perante o interesse que manifestei pelas lanças o Sr. António Dias Além numa atitude de cativante generosidade, ofereceu-m'as.

Aqui lhe testemunho o meu agradecimento.

Soube por ele que tinham aparecido 4 lanças e que as outras duas tinham ficado uma na posse de António Carvalho, de Lavradas, e a outra na mão de João Roxo, de Lama Chã.

Desloquei-me a estas duas aldeias. Com algum trabalho e paciência consegui adquirir as duas últimas lanças. Registe-se, porém, que o Sr. João Roxo, foi pronto na cedência da que tinha em seu poder.

### Condições do achado

No verão de 1964, durante várias semanas, cortou-se pedra de cantaria no Outeiro do Rego, cabeço com grandes blocos de granito, situado em termo da freguesia de Lama Chã, concelho de Montalegre.

O Outeiro do Rego é fronteiro ao monte do «Craсто de Lama Chã», também designado por «Castelo dos Mouros», e dele distanciado uns 200 a 300 m.

No Craсто de Lama Chã são ainda patentes porções da muralha e outros alinhamentos de pedras, possíveis restos de edificações castrejas.

O Sr. João Roxo, de Lama Chã, que trabalhava na pedreira do Outeiro do Rego foi um solícito informador.

Referiu o achado nos seguintes termos:

«No Outeiro havia vários penedos encastelados uns por cima dos outros. Ia-se por baixo deles para esconder a ferramenta lá p'ra dentro. Cortaram-se vários penedos. Um dia, pelo mês de Agosto de 1964, andava a varrer a terra para descalçar um penedo, apareceram escondidas as quatro lanças. Estavam todas juntas. Uma tinha encavadoiro e nele havia ainda um bocadinho de madeira que tiramos com a ponta dum cinzel».

E acrescentou: «o Sr. António Dias Além levou duas, eu fiquei com uma e o Quintas (António Carvalho) levou a outra».

Trata-se portanto dum esconderijo que ali guardou, certamente há muitos séculos, aquelas quatro lanças.

### As lanças

As quatro lanças, como mostra a fotografia da Fig. 1, à parte uma delas, a que falta uma porção do espigão de encabamento, pode dizer-se que estão íntegras.

Façamos a descrição sumária de cada uma delas, que para facilidade de exposição designaremos por 1, 2, 3 e 4 a começar pela esquerda da Fig. 1.

#### *Lança n.º 1*

Lança esguia, com espigão espalmado para encabamento, com três buracos para cravejar o cabo ou pau da lança.

Tem o comprimento total de 335 mm dos quais 73 mm do espigão de encabamento e 262 mm da folha.

A folha, maciça, tem a todo o comprimento das duas faces uma crista mediana que atinge a ponta.

Numa das faces da folha as superfícies que ladeiam a crista são ligeiramente cavadas em goteira até cerca de metade do seu comprimento. No entanto as superfícies dum lado e do outro da crista da face oposta são perfeitamente lisas, e, num ou noutro ponto, até ligeiramente convexas.

Tem a ponta embotada por ter servido de ponteiro ou escopro ao seu achador. Patente o espalmado no topo do espigão em consequência das marteladas que nele incidiram.

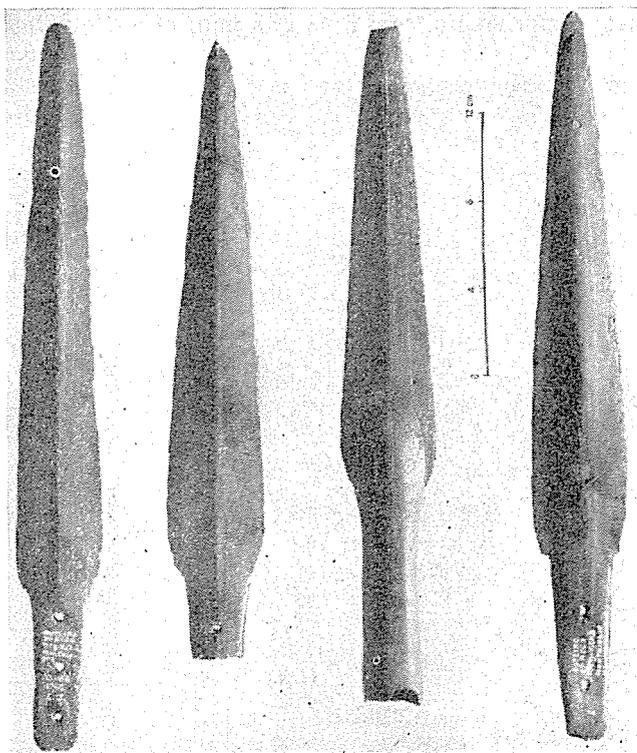


Fig. 1 — As quatro lanças de bronze do Outeiro do Rego, freguesia de Lama Chã, concelho de Montalegre.

A folha, reforçada por estas cristas ou nervuras, é mais larga próximo da base, onde tem 40 mm de largura; vai estreitando progressivamente até à ponta, um tanto romba, onde a largura é de 11 mm. A meio da folha a largura é de 31 mm.

A espessura máxima da folha é de 9 mm na porção correspondente à maior largura. Pesa 300 g.

A pátina é fosca e granulosa numa das faces e escura e algo brilhante, na outra face.

*Lança n.º 2*

Lança também de folha maciça e espigão espalmado para encabamento, do qual resta a parte proximal, por fractura antiga, com um buraco para cravejar o cabo.

O seu comprimento total é de 285 mm, cabendo à folha 257.

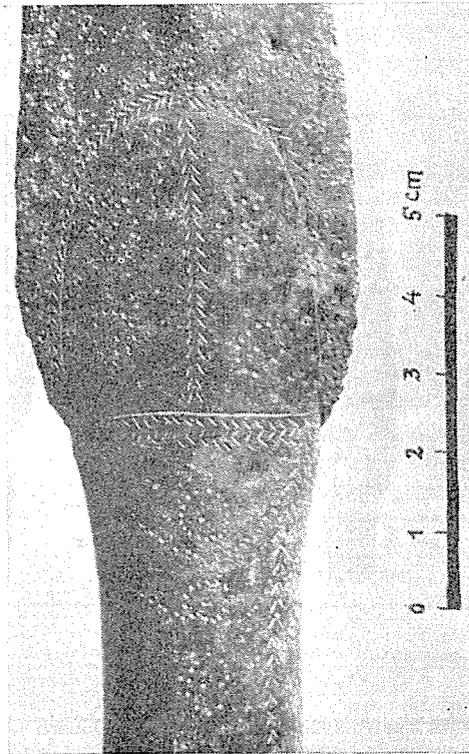


Fig. 2 — Porção da lança n.º 3.

Dada a robustez do espigão de encabamento, é de crer que o que dele resta seja metade, ou talvez um pouco menos, do seu comprimento inicial.

A folha é reforçada a todo o comprimento por duas nervuras arredondadas em cordão que se continuam sobre o espigão de encabamento. Nas duas faces as superfícies dum lado e do outro das nervuras, são perfeitamente planas.

A folha tem a sua largura máxima, de 44 mm, a uns 3 cm da base; estreita progressivamente até à extremidade onde a largura, antes de acuminar em ponta aguçada, é de 1 cm. Sensivelmente a meio da folha a largura é de 33 mm. A sua espessura máxima, ao nível da maior largura, é de 1 cm. Pesa 335 g.

A pátina é azul-claro numa das faces e azul-celeste brilhante na outra face que, em parte, foi polida pelo achador.

*Lança n.º 3*

Diferente das anteriores: é de alvado ou tubo cónico de encabamento.

Este alvado em tubo cónico prolonga-se apenas uns 3 cm na base da folha, o que faz com que esta seja maciça na maior parte da sua extensão. É como as outras uma lança pesada e robusta.

Tem, como a anterior, uma nervura em cordão a reforçar todo o comprimento das faces.

Foi mutilada na ponta, a que falta uma pequena porção por velha fractura. A causa da fractura deve ter sido a determinante do ligeiro encurvamento que a lança tem na sua porção terminal (Fig. 3).

Se tal fractura e encurvamento resultaram do embate da ponta da lança de encontro a uma superfície dura, como seria a de um escudo, como bem pode ter sucedido, pode ajuizar-se da violência com que a lançada foi desferida.

O seu comprimento total é de 310 mm cabendo à folha 208. São planas as superfícies em ambas as faces, a um e outro lado das nervuras.

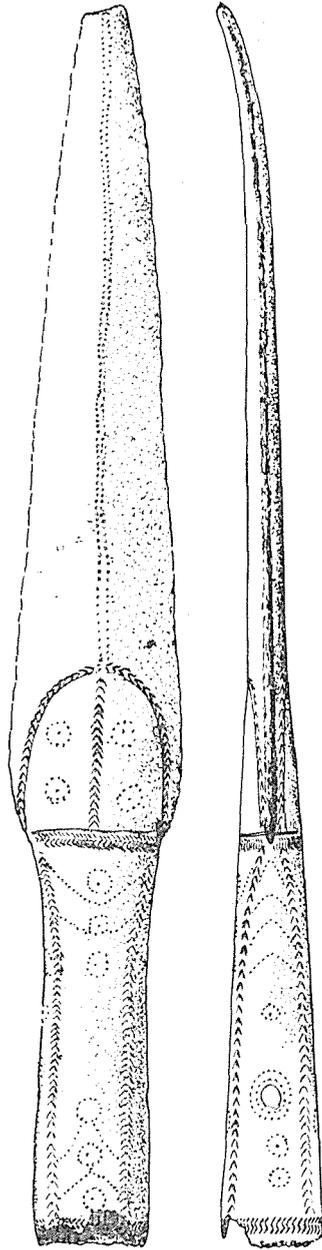


Fig. 3 — Desenho de frente e de perfil da lança n.º 3.

A largura máxima da folha é de 43 mm, a 17 mm da base da mesma; a meio a largura é de 33 mm; na ponta, que está fracturada, a largura é de 14 mm. Pesa 465 g.

Pátina esverdeada, fosca e granosa numa das faces e na outra o mesmo tom esverdeado, mas brilhante, talvez por o seu achador a ter polido.

Esta lança é finamente decorada, como se vê na fotografia da Fig. 2 e no desenho (1) da Fig. 3.

A decoração foi feita a punção e por martelagem.

Utilizaram-se dois punções: um pontiagudo para o pontuado quer em fiadas lineares quer em circunferências com seu ponto central; com o outro punção em bisel ou talhadeira fez-se a ornamentação em V ou espinha de peixe e o ziguezague de três entalhes confinantes, que lembram os palmípedes de certa cerâmica castreja.

Os ziguezagues em linha quebrada, de três segmentos, enfeitam as extremidades do alvado ou tubo cónico de encabamento. Na zona de separação da folha, e por baixo dum traço que, por assim dizer, marca o colo da lança, os ziguezagues em palmípedes abrem-se para a esquerda. Junto da boca do alvado os ziguezagues, aqui abertos para a direita, formam uma orla ou bordadura que muito realça a beleza ornamental da lança.

A ornamentação é semelhante nas duas faces da lança e estende-se a toda a roda do cone de encabamento como bem mostra o desenho da Fig. 3.

A objectividade deste desenho e da fotografia da Fig. 2, dispensam a descrição pormenorizada dos delicados motivos ornamentais desta bellissima lança.

#### *Lança n.º 4*

Do mesmo tipo das duas primeiras, isto é, lança de folha maciça e espigão espalmado para encabamento. É a mais perfeita de todas. Pode dizer-se que está completa.

(1) Este desenho foi feito pelo distinto arqueólogo espanhol Prof. D. Luís Monteagudo, actual director do Museu de Logroño.

Numa passagem pelo Porto no ano de 1967, este ilustre arqueólogo viu as lanças de Lama Chã no Museu do nosso Instituto de Antropologia. Profundamente conhecedor da Idade do Bronze Peninsular e Mediterrânico, e inclusive europeu, manifestou por elas o maior interesse incitando-me a que as publicasse com a possível brevidade.

Tem de comprimento 330 mm, cabendo à folha, nitidamente limitada na base por dois pequenos entalhes em ângulo recto, 246 mm.

O espigão de encabamento tem 84 mm de comprimento e dois buracos para cravejar o cabo da lança.

A folha é também reforçada a todo o comprimento das faces, não pròpriamente por cristas como na primeira, mas antes, como nas outras duas, por nervuras arredondadas em cordão.

Em ambas as faces, as superfícies a um e outro lado das nervuras são ligeiramente escavadas em goteira numa pequena porção junto da base da folha, e planas na maior parte da sua extensão.

A largura máxíma da folha é de 44 mm a cerca de 5 cm da base. A meio da folha a largura é de 36 mm, e a cerca de 1 cm da ponta, antes do arredondado em convexidade final, tem a largura de 11 mm.

A sua espessura máxíma sensivelmente ao nível da maior largura, é de 9 mm. Pesa 360 g.

Pátina de cor azul sulfato de cobre nas duas faces, e brilhante. Uma das faces foi parcialmente polida pelo seu achador.

### Cronologia

O achador das 4 lanças, no seu esconderijo subjacente a grande penedo de granito, não referiu o aparecimento concomitante de quaisquer outros elementos arqueológicos.

Infelizmente o pedaço de madeira que persistia no alvado de uma das lanças foi escabichado e desperdiçado. Com ele poderia analisar-se o carbono 14 que nos daria a cronologia absoluta.

Não temos conhecimento de lanças do tipo das do Outeiro do Rego (1).

O n.º 15 da Revista de Etnografia da Junta Distrital do Porto, Tomo I, do Vol. III, Janeiro de 1967, Porto, 1967, publicou o

(1) Em troca directa de impressões com D. Luís Monteagudo, aquando da sua visita ao nosso Museu do Instituto de Antropologia, comuniquei-lhe que na escassa bibliografia de que dispunha, ou pude compulsar, não encontrara nada de similar. Manifestou então igual opinião.

Posteriormente, em carta datada de 16 de Agosto de 1967 após o seu regresso a Espanha, e numa passagem da mesma, escreveu: «El paralelo más próximo (si no fuera porque es más pequeño sería exacto) es el puñalito de la Peschiera, Lago di Garda (Museo di Storia Natural de Verona, excavacion de Stefani, 1881. inédito), también con 2 perforaciones en la lengüeta plana y cresta axial, pero tiene de largo solo 152 mm; lo datamos en el Bronce C, 1350-1300 a C.»

Grato pela gentileza das informações que gentilmente nos prestou, aqui testemunhamos a D. Luís Monteagudo o nosso sincero agradecimento e alto apreço.

trabalho *Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico* de Fernando Lanhas e Domingos de Pinho Brandão. Na pág. 65 vem a fotografia de uma lança de bronze, de alvado com um furo para fixação do cabo achada na Quinta do Passal, Várzea do Douro.

Os A. A. não indicam nem as dimensões nem o peso.

É uma lança com grossa nervura axial e aletas estreitas dum lado e do outro da nervura.

Conheço as 3 lanças do Museu de Pontevedra, achadas na Laguna de Alcayan, Ayuntamiento de Abelenda, Coruña. Uma delas, muito grande, esta reduzida à folha; falta-lhe o alvado e tem 46 cm de comprimento. Das outras duas, com alvado curto e de vazado cónico continuando ao comprido da folha, a maior tem 30,5 cm de comprimento e a mais pequena 22 cm.

Todas três têm a folha largamente espalmada na base formando verdadeiras aletas, com as seguintes larguras máximas: a primeira com 57 mm, a segunda com 55 mm e a mais pequena com 53 mm.

São lanças de folha larga espalmada na base, com aletas, adelgaçando progressivamente para terminar em ponta aguda.

Na ficha respectiva se diz que aquelas três lanças constituem «depósito temporal de D. Luís Monteagudo», e estão datadas do «Haistatt B — Atlântico — 1000 a 800 a. C.».

Ampla referência a lanças de bronze do achado da ria de Huelva encontra-se no trabalho de Martin Almagro *El hallazgo de la ria de Huelva y el final de la Edad de Bronce en el Occidente de Europa*, in «Ampurias», vol. II, Barcelona, 1940, págs. 85 e 143, 61 figs.

Posteriormente o Prof. Martin Almagro voltou a ocupar-se deste notável achado no trabalho *Inventaria Archeologica* (corpus de conjunto arqueológico bajo la dirección de M. E. Marien) *España*, fasc. 1-4: E. 1 (39 lâminas) *Deposito de la ria de Huelva*, Madrid, 1958.

Neste segundo trabalho, tão belamente documentado, o Prof. Martin Almagro dá os desenhos de 74 folhas de lanças de bronze encontradas em 1923 na dragagem da ria de Huelva. Todas essas lanças são de alvado com longo encabamento tubular e são do final da idade do bronze.

As quatro lanças do Outeiro do Rego de Lama Chã são, indubitavelmente, de feição arcaica.

É lícito atribuí-las ao Bronze inicial.

### Conclusões

As quatro lanças do Outeiro do Rego formam um conjunto arqueológico de certo interesse pela raridade dos seus tipos: lanças robustas de folha maciça, reforçada com nervuras longitudinais.

As três lanças de espigão espalmado de encabamento, todas do mesmo tipo, resultaram no entanto de três moldes de fundição diferentes.

A lança de encabamento tubular, pela riqueza da sua ornamentação, constitui uma peça de grande beleza e excepcional interesse arqueológico.

Dado o tipo arcaico, comum a todas as lanças de folhas estreitas, robustas e reforçadas com nervuras longitudinais, e ainda numa delas o tipo de ornamentação em zigzague atrás referido, é lícito colocar estas quatro lanças no Bronze inicial.

Na abalizada opinião de D. Luís Monteagudo, a lança decorada de encabamento tubular poderá ser datada de 1400 a. C. e as três lanças de lingueta ou espigão espalmado de encabamento, por serem tipològicamente anteriores, datadas de 1450 a. C.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»  
Fevereiro de 1968.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

---

### Espólio arqueológico da gruta do Bugio

Ao Sr. Rafael Monteiro, que tanto entusiasmo tem dedicado à Arqueologia de Sesimbra.

O. D. C.

A gruta do Bugio, descoberta em 1957 pelo Sr. Rafael Monteiro, fica na freguesia de Azóia, concelho de Sesimbra, uns 500 m a sul desta povoação.

É uma gruta natural, de 9 m de comprimento por 5,5 de largura, aberta no alto da falésia calcária, sobranceira ao mar, a um desnível de uns 150 m.

Por se suspeitar que era uma gruta de importância arqueológica, os Srs. Rafael Monteiro e Dr. Eduardo da Cunha Serrão realizaram nela, em Outubro de 1957, uma escavação.